

## Sedução e Conversão Religiosa num Contexto de Globalização

José Rubens L. Jardimino\*

As questões que o tema da globalização suscita, nos desafiam a refletir sobre a temática através de múltiplos olhares. Neste artigo, particularmente, estaremos abordando sob a ótica da vivência religiosa e a mobilidade dos grupos no interior do campo religioso.

A rápida aceleração das transformações sociais, a ascensão do capitalismo no atual contexto da globalização, a efemeridade das coisas consumíveis num aparente fim da história, preludiam a chegada ao paraíso. Porém, o milagre capaz de fazer um capitalista se tornar três vezes mais rico, somente com um simples toque num ícone da tela de um computador, manejando somas incalculáveis de dinheiro nas bolsas de valores dos mercados financeiros, não conseguiu dar respostas para o cotidiano e para as mazelas mais simples da vida da humanidade. Massas de miseráveis se alojam em torno do planeta.

Tudo parece efêmero e sem solução. Essa aparência tem aberto um amplo caminho para as novas maneiras de pensar, de agir e de sentir. Para alguns, é a chegada de uma nova era – a pós-modernidade, para outros, apenas uma crise da modernidade que ainda não esgotou todo seu potencial. Todavia, ambas estão sob a custódia da globalização, quer seja na exaltação do micro-narrativas [pós-modernas] nos discursos da técnico-ciência, quer seja nos reajustes das megas-narrativas em busca de um novo paradigma [modernidade inacabada].

### 1. Teologia e Economia, o binômio da religião globalizada

A discussão sobre o conceito de globalização nos leva, quase que inevitavelmente, a passar para duas vias hermenêuticas; uma da objetividade e outra da mitologização (aí o tema tem conexões profundas com o tema da religião). Para Wanderley, “o conceito de Globalização é ambíguo, complexo e ideológico (...) Pelo lado da mistificação ideologizadora, as idéias de eliminação de todas as fronteiras, de interdependência e oportunidades em condições de igualdade, de uma nova ordem mundial, da possibilidade de um Estado único com poder mundial, constituem um discurso envolvente e sedutor, e os governos passam a adotá-lo como referente central de seus diagnósticos e estratégias de ação<sup>1</sup>”

A maioria dos elementos desse messianismo geopolítico do neoliberalismo [ajustado a partir do antigo paradigma da modernidade capitalista] funcionam como catalisador das necessidades e do cotidiano dos indivíduos desterritorializados que buscam novos

---

\* Prof<sup>o</sup> José Rubens Jardimino é mestre em Ciências da Religião pela UMESP e doutor em Ciências Sociais pela PUC, S.P. É autor dos livros *Sindicato dos Mágicos: um estudo de caso na eclesiologia neopentecostal*; e *As Religiões do Espírito”- uma visão histórico-teológica do pentecostalismo na década de 30*, publicados pelo ISER & CEPE. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação no Centro Universitário Nove de Julho; e das Faculdades de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade Camilo Castelo Branco em São Paulo – Brasil.

<sup>1</sup> Luiz Eduardo W. WANDERLEY. *Desigualdade e a Questão Social*, São Paulo: EDUC, 1997, p. 60

paradigmas em suas micro experiências, fundado assim, numa cosmovisão religiosa, nos quais é possível se tentar fazer uma síntese entre a Teologia e a Economia<sup>2</sup>. Assim, a tese de Weber que demonstra o estreito relacionamento entre religião e racionalidade econômica, tem trazido as novas gerações de intelectuais desafios constantes para compreensão das relações existentes entre religião e mercado

Quando se fala de grupos religiosos de orientação protestante e suas relações de trocas no mercado simbólico (econômico-religioso), não se pode esquecer os argumentos weberianos sobre a influência do protestantismo para o surgimento de um tipo moderno de capitalismo, ou seja, da relação – Teologia e Economia. Embora não possamos desconsiderar as controvérsias<sup>3</sup> que a tese weberiana tem causado no mundo acadêmico, nenhuma das refutações deixou de atribuir sua importância às Ciências Sociais e em particular, à compreensão do tema religião e modernidade.

A crença protestante calvinista e puritana na Europa, motivou seus fiéis a demonstrarem sua “eleição” através de atividades econômicas. A prosperidade econômica sinalizava a qualidade dos escolhidos e lhes garantia a certeza de terem sido escolhidos por Deus. A prosperidade era um sinal visível de predestinação.

A relação entre Teologia/Economia sempre esteve presente na prática religiosa. Com o protestantismo não foi diferente. Ele teve sua vocação sempre voltada para essa relação, e, é possível que, os grupos atuais de orientação protestante, tenham resquício desta herança e crença calvinista, muito embora sua teologia esteja vazada numa tríade mais ampla que a crença calvinista: Cura-Exorcismo-Prosperidade, em que o último elemento ocupa um lugar privilegiado no discurso religioso. Percebe-se um ajuste do discurso religioso pelo viés econômico, permeado pela ideologia reinante do neoliberalismo e do ideal de mundo globalizado, embora na maioria dos casos, ele não seja intencional. O ideal de consumo, agora possibilitado em maior escala pelo processo de globalização e integração dos mercados, a motivação para obtenção de bens de consumo e da propriedade privada, tudo isso aliado ao desejo de “ser gente”(entrar no mercado), transforma a fé num investimento seguro e numa agitada mobilidade do campo religioso.

A Igreja, enquanto espaço centralizador da vida religiosa, assume um papel de mediadora do pacto que o fiel estabelece com a divindade no plano de sua vida financeira. O sucesso econômico e a prosperidade são sinais visíveis de que Deus está com o fiel, e vice-versa. A Prosperidade é sinal da bênção da divindade, uma eleição.

---

<sup>2</sup> O tema “Teologia e Economia” a que estamos aqui nos referidos deve ser compreendido diferentemente da crítica teológica à economia política feita hoje, em alguns círculos de pesquisa em Ciências da Religião e Teologia. Essa perspectiva tem ganhado projeção no pensamento de alguns autores, dentre eles, citamos Franz Hinkelammert, Hugo Assmann, Júlio de Sant’Ana e Jung Mo Sung.

<sup>3</sup> A tese de Weber “A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo” que considera a influência de um tipo de protestantismo, especialmente o calvinismo, na gestação do capitalismo moderno, tem, ao longo dos anos estimulado um controvertido debate, Houve quem negasse completamente sua validade (Robertson/1933; Fanfani/1934; Samuelson/1961) todavia, no que pesem as críticas, tem-se atribuído a ela uma importância fundamental para o estudo do protestantismo pelas Ciências sociais, e mais especificamente, para a compreensão sobre o debate religião e modernidade. Cf. Rolando Robertson, in: *Sociology of Religion*, Penguin Books Ltd., Londres, 1969.

Este ajuste do discurso religioso ultrapassou os limites da religião dos deserdados (Pentecostalismo Clássico<sup>4</sup>), onde a salvação com ênfase apocalíptica e milenarista, assegurava ao fiel as promessas dos “bens sagrados” inatingíveis pelas classes poderosas. Seus seguidores abandonam as aspirações de uma comunidade com espírito de solidariedade e de companheirismo entre irmãos, para expressar a individualidade da religião moderna – cada um por si que Deus fará por todos. Sacralizam o mercado como o único realizador de todos os desejos. Tal qual o discurso neoliberal, aceitam e divulgam, às vezes, ingenuamente, a ascese do mercado como um deus. Ele age invisíveis e livremente para o bem dos escolhidos.

Contudo esse ajuste religioso dos Novos Movimentos Religiosos tem um elemento interessante que a economia neoliberal não leva em conta: a alimentação do sonho dos excluídos de se integrarem ao mercado. Por outro lado, é possível perceber nessa relação Teologia/Economia, uma reciprocidade discursiva: religião com discurso econômico e economia com discurso religioso.

“Agora a burguesia só fala em ajuste econômico que exige sacrifícios da população pobre, não mais em desenvolvimento para todos... Chegamos ao ‘fim da história’ (Fukuyama), isto é, descobrimos o segredo da história humana: só o mercado capitalista, sem intervenção do Estado e da sociedade, pode resolver os nossos problemas econômicos e sociais. É a proposta neoliberal (...) O princípio fundamental que move tal sistema de mercado é a livre concorrência; cada um deve defender os interesses pessoais contra os interesses dos outros (o egoísmo) para o período funcionamento do sistema (...) o caminho para a solução dos nossos problemas sociais estaria no fomento do egoísmo. O mercado é apresentado como um ente supra-humano capaz deste milagre – transformar o egoísmo em “bem comum” (amor ao próximo). Os economistas neoliberais falam da necessidade de se ter “fé” no mercado (...) Amar ao próximo é defender os interesses pessoais contra os outros integrados no mercado e, principalmente, contra a “violência” dos excluídos do mercado”<sup>5</sup>. – Uma nova espiritualidade.

Nem mesmo a volatilidade e a efermidade da moda e dos produtos de consumo de massa, têm nos permitido dar conta de que, possivelmente, estejamos sobre a ágide de novos tempos. Mesmo a sensação de que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, ainda não nos convenceu completamente de que estamos iniciando uma nova era.

Porém, em termos de religião, parece que essas novas idéias já estão sendo absorvidas, especialmente no Brasil. Entretanto, convém indagar se o que os novos grupos de orientação cristã-protestante apresentam são elementos plausíveis de uma nova cosmovisão, ou apenas um “verniz” de pós-modernidade que determina uma adequação do seu discurso e algumas de suas práticas, dando a impressão de terem recebido os ares destes novos tempos?

---

<sup>4</sup> A classificação “Pentecostalismo Clássico” se refere às igrejas que chegaram ao Brasil durante a primeira metade deste século, a saber: Igreja Evangélica Assembléia de Deus; Congregação Cristã do Brasil; Igreja do Evangelho Quadrangular e o grupo de origem nacional – O Brasil para Cristo.

<sup>5</sup> Jung Mo SUNG, “Estranhas inversões do mercado, in: *Tempo & Presença* nº 268, Abril, Cedi, R.J,1993.

Se se pode concluir que, em muitos aspectos, o discurso e as práticas de neopentecostalismo apontam sinais de uma Igreja para um tempo pós-moderno e globalizado, com características de verdadeiras empresas exportadoras de bens simbólicos, agências competentes do marketing religioso e de relações empresariais do tipo cliente/empresa, a priori, não se pode concluir que estes sinais se convertam apenas um “verniz” que encobre uma prática religiosa bem antiga e circunscrita ao universo mágico-religioso.

Essas breves considerações, em tom introdutório, nos remetem a alguns questionamentos que balizam nossa reflexão sobre a “nova ordem religiosa”: 1, em que medida as mudanças ocasionadas pela crise da modernidade e o advento da pós-modernidade alteram o “específico religioso” do discurso e das práticas das novas expressões religiosas no Brasil, 2. Pretendem essas expressões religiosas se ajustar aos novos parâmetros do mundo globalizado ou apenas os usam (ex. o marketing) como estratégia de sobrevivência para atrair fiéis e depois domesticá-los segundo o dogma religioso? 3. Poderão estas novas igrejas fazer a síntese entre o protestantismo histórico (moderno e racionalista) e o pentecostalismo clássico (baseados na concepção mítica e na moral de uma cosmovisão rural) e se construir em religião da pós-modernidade?

## 2. A sedução do sagrado: mobilidade no campo religioso brasileiro

O campo religioso, segundo Bourdieu<sup>6</sup>, é um espaço comparável ao mercado com seu comércio de símbolos. Por isso, as religiões competem entre si na busca de apoio dos vastos setores populares constituintes de suas clientelas. Assim, no campo religioso, o paradigma para a organização é dado pela evolução das instituições econômicas, quando concomitantemente surge a necessidade de contabilidade e da compra de propriedades. Desta maneira

“Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificativas de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes<sup>7</sup>”

O trânsito religioso e a sedução do sagrado, especialmente aquele que verificamos na sociedade brasileira neste final de século, tem motivação não somente de cunho religioso-cultural, mas também sociológica. Conforme Bourdieu, toda opção religiosa está carregada de justificativas “do existir” numa posição social determinada.

Ao tentar compreender as alterações do campo religioso brasileiro, temos, obrigatoriamente, que nos situar no tema da conversão. De que forma na história das

<sup>6</sup> Pierre BOURDIEU. *A Economia da Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1992.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 56

religiões, especialmente no cristianismo (no caso, em foco), a sedução do sagrado tem se exercido no “homo religiosus” para convertê-lo a novas propostas religiosas?

Teólogos e filósofos encontram resposta para essa fascinação do sagrado, no fato de a divindade ter sido sempre um objeto do desejo humano. Toda divindade teria um “eros” fascinador.

“Buscamos-lo na convivência com a piedade e nas expressões emocionais que o acompanham, nas solenidades e tonalidades dos ritos e dos cultos, em tudo aquilo que vive e respira em volta dos momentos religiosos, edifícios, templos e igrejas. Só uma expressão apresenta-se capaz de exprimir a coisa: é o sentimento do *mysterium tremendum*, do mistério que faz tremer. O sentimento que ele provoca pode se espalhar na alma como calafrio(...) pode conduzir e estranhas excitações, a alucinações e a êxtase. Existem formas selvagens e demoníacas, que podem assumir fórmulas de horror irracional. Existem também, graus inferiores de manifestações brutais e bárbaras que possuem uma capacidade de desenvolvimento pelo qual Ele se afirma, purifica e se sublima. Ele pode se tornar silêncio e humildade na criatura que permanece paralisada na presença daquilo que está num mistério, acima de toda a criação<sup>8</sup>”.

A fascinação e o temor que seduzem o homem à divindade vêm desde sua pré-história. Manifestava-se na busca de uma ordem cósmica que regulasse sua vida e o livrasse das catástrofes naturais. A busca de segurança o motivava a se encontrar com esse *mysterium tremendum* de que fala Rudolf Otto. A desgraça deve ser evitada a qualquer custo, e por isso o ser humano, desde os mais remotos tempos de sua existência, buscou regular sua vida através da crença em um Deus que o protegesse e de preferência, que fosse o mais distante possível da sua racionalidade – fosse o *totalmente outro*. Por isso se especializou em celebrar cerimônias e rituais rigorosamente preparadas para que seu desejo profundo de ordem do mundo permanecesse sempre atendido por uma divindade.

Nesta concepção, a relação do homem com o sagrado aparece com um misto de fascinação e temor. O *eros* divino é desejado, porém temido. Desejando, por ser ele – força e poder – que impõe sua majestade reguladora da vida e dos mundos<sup>9</sup> e temido, mediante o sentido de insignificância que advém desta relação homem-divindade. Surge daí, o contraste entre o criador e a criatura, possibilitando um misticismo da majestade divina na religião.

Uma vez que nossa análise se restringe ao cristianismo, selecionamos como eixo para a discussão sobre a questão da sedução do sagrado uma pequena fatia dessa crença.

<sup>8</sup> OTTO, Rudolf. O Sagrado – um estudo do elemento não racional na idéia do divino e sua relação com o racional, S. Bernardo do Campo, São Paulo, Imprensa Metodista, 1995 p. 17 e 18

<sup>9</sup> A sedução que o sagrado exerce no ser humano altera radicalmente sua vida e o converte, como afirma Maria Clara Bingmer. A força de encantamento e fascínio do sagrado faz o homem desviar-se de seu caminho previamente traçado, e o surpreende porque pensava ter nas mãos as rédeas de sua vida. Deixa-se possuir e ser conduzido por outro caminho. BINGMER, M. Clara. A sedução do sagrado, in, *RELIGIÃO E SOCIEDADE*, 16/1-2, Rio de Janeiro, ISER, 1992.

Trata-se dos novos grupos de orientação protestante que atuam na sociedade brasileira. O eixo central da discussão é procurar perceber quais os elementos, da sedução que fazem com que indivíduos e grupos sociais estabelecidos num determinado campo religioso migrassem para outro; quais as motivações sócio-religiosas que orientam a sedução do sagrado e a mobilização interna do campo religioso brasileiro.

### *A conversão no protestantismo brasileiro*

A proposição que define a função sociológica da religião encontra guarida na tese de que toda crença e prática religiosas se convertem em interesse do campo sócio-político de uma sociedade desde que venham satisfazer as demandas políticas e econômicas de certos grupos sociais. O protestantismo, por exemplo, entra na sociedade brasileira quando grupos sociais, desejosos dos ideais liberais da modernidade, o avalizam e preparam o terreno para sua chegada. Esse momento histórico, sinalizado pelo cansaço do domínio colonial inglês acaba permitindo a entrada de novos atores na cena político-econômica latino-americana. A elite brasileira se encontrava seduzida pelo modelo anglo-saxônico de pensamento e progresso. Esse ideal e a Questão da separação entre a Igreja e o Estado monárquico possibilitaram a entrada de uma nova proposta religiosa na sociedade latino-americana<sup>10</sup>.

As condições favoráveis para a entrada de um novo discurso religioso na sociedade brasileira estavam dadas. O fascínio<sup>11</sup> das elites brasileiras pelas idéias liberais como sucessoras do iluminismo e o desejo do progresso para sair de um estado colonial, se compuseram como fatores determinantes para a inserção de uma nova proposta religiosa na sociedade.

O processo de assimilação do novo discurso teve muito mais do que um motivação de interesse meramente religioso, em verdade, estava prenhe de significação político-social. A inserção do protestantismo no Brasil deve ser considerada também como um projeto político, uma oportunidade que se abre no tecido social para que a ideologia norte-americana do *Destino Manifesto* e do *American Way of Life*<sup>12</sup> venha com toda

<sup>10</sup> Sobre o assunto cf. MENDONÇA A Gouvêa. La cuestión religiosa y la incursión del protestantismo en Brasil durante el siglo XIX: reflexiones e Hipótesis. In: *Protestantes, Liberales Y Francomasones-sociedades de ideas y modernidade en América Latina, Siglo XIX*. México, Fondo de Cultura Económica/ Cehila. 1990.

<sup>11</sup> Conforme Bourdieu, “o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades materiais e simbólicas associadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social, dependendo portanto diretamente desta posição, a mensagem religiosa mais eficaz para satisfazer o interesse de um determinado grupo(...) é aquela que lhe fornece um sistema de justificação das propriedades que estão objetivamente associadas ao grupo, na medida em que ele ocupa uma determinada posição na estrutura social”. BOURDIEU, Pierre, op.cit. p. 51.

<sup>12</sup> Na palavras de OLMSTEAD, Clifton E. “para o protestantismo americano parecia bem claro que Deus o havia escolhido para ser, política e religiosamente, mestre da raça humana.(...) Antes do fim do século XIX, os empreendimentos missionários haviam dado provas de invulgar importância, talvez, inconsciente, de sua aliança como o imperialismo americano”. In: *Religion in America – Post end Present*, Prentice Hall, Inc., Englewood Cliffs, N.J., 1961. A observação de Olmstead nos indica que no século XIX, a religião foi um importante aparelho ideológico para que o ideal americano do *Destino Manifesto* fosse impregnado na cultura norte-americana, ou seja, a convicção de que Deus Havia eleito

sua empresa missionária trazendo para as terras pós-coloniais do expansionismo ibérico no novo continente, a bandeira do progresso e da modernidade. Neste período, as nações protestantes eram consideradas o carro-chefe do desenvolvimento capitalista. As elites brasileiras receberam, com todas as pompas, os missionários do liberalismo anglo-saxônico.

A face diversa da conversão de muitos setores rurais e esse tipo de discurso religioso mostra que a sedução que o sagrado exercia não tinha um cunho declaradamente político, porém, estava em consonância com os ideais de modernidade<sup>13</sup>”.

Pode-se falar de um proselitismo da razão. A sedução do sagrado se dá neste momento, via a racionalidade da fé, deixando de lado toda experiência sacramentalista e mística, considerada como símbolo do atraso frente aos avanços políticos, sociais e econômicos das nações protestantes.

### **“Seduzido fui, seduzido fiquei”- a conversão no pentecostalismo clássico.**

O segundo momento do protestantismo no Brasil, classificado pelos historiadores como pentecostalismo clássico, também chega ao país oriundo da América do Norte e descendente do primeiro momento, e, portanto, herdeiros da cultura religiosa já mencionada.

O pentecostalismo é conhecido como uma religião urbana. Sua implantação na América Latina acompanhou os rápidos processos de transformação social dos últimos 50 anos. Cremos não ser demasiado dizer que, esse movimento desempenhou um importante papel como alternativa religiosa no eixo urbanização/industrialização na sociedade brasileira. Atuou como alternativa de ajuste dos novos atores sociais do caminho campo-cidade.

A visibilidade do pentecostalismo se dá a partir dos anos 30. Temos como quadro sócio-político desse período o processo de industrialização e conseqüentemente, a urbanização do Brasil<sup>14</sup>. O conflito que se estabelece na sociedade brasileira neste

---

e comissionado o povo norte-americano para ser o autor-mor da redenção política, econômica, moral e religiosa do mundo. Essa alusão tem amparo na leitura fundamentalista dos textos bíblicos do A .T, no comissionamento de Abraão, como se, automaticamente, fora passado aos americanos essa tarefa de redenção do mundo, ocasionando um messianismo nacional da cultura americana expressa no *American Way of Life*.

<sup>13</sup> O desejo de mudança de prática religiosa deste período é ressaltado nos trechos de um relatório do Frei Casemiro Brochtrup, apresentado ao seu superior, mostrando a realidade pastoral de uma região da zona rural e o grande fascínio que causava a religião racional e moderna, o protestantismo: “Cheguei a conhecer que as tristes condições religiosas de nossa zona resultam principalmente de três causas: 1. falta de organização de exercícios espirituais e solenidades para externarem-se os sentimentos religiosos (...) Até agora as páticas têm-se limitado à repetição maquinal e rotineira do ofício e do terço (...); 2. a ignorância não pode ser vencida por esse método insuficiente e pouco atraente. A experiência me tem mostrado que grande parte do povo fica inativa sem deixar a igreja e outros continuam em seus cultos rotineiros, enquanto os mais *inteligentes e ativos passam para o protestantismo* onde lhes parece que satisfazem melhor às necessidades da alma pela *organização metódica que lá encontram ...*”(os grifos são nossos), Apud, Ëmile Leonard, In: *O Protestantismo Brasileiro – estudo de eclesiologia e história social*, São Paulo, ASTE/JUERP, 1981, p.217

período é fruto das rápidas mudanças nos parâmetros da vida rural para a cidadina. O caminho percorrido pelos indivíduos na trajetória campo-cidade traz consigo uma série de crises psicossociais que alteram o estilo de vida e as relações – frutos desse processo, assim como sua cosmovisão.

O mundo rural estava circunscrito às relações de parentesco e compadrio, em que o laços de amizade e o relacionamento social eram mediados pela dominação pessoal que ligava o agregado ao patrão do mundo rural tradicional, os membros da família à dominação paterna e a rede informal de relações do grupo de vizinhança. Essas relações de grupo criavam laços estáveis e garantiam uma permuta de solidariedade. O sistema patriarcal com dominação dos anciãos e do patrão não geravam conflitos, uma vez que os demais membros da família estavam ligados na vida doméstica quanto no trabalho. A religião que os congregavam tinham o mesmo modelo.

Na cidade, se dá a ruptura com esse modelo e a proposta religiosa que permite uma adequação necessária para atenuar a crise será a que consiga refazer a mediação entre as duas visões de mundo.

“O pentecostalismo intervém no momento mesmo do caminho intermediário; propõe a reconstituição desta grande família que é também a fazenda. Valoriza as relações pastorais dando-lhe uma dimensão fraternal e uma finalidade que exalta o serviço de Deus; afirma o princípio do apoio recíproco e substitui a imagem deteriorada do fazendeiro, cuja tirania já estava compensada pela proteção concedida pelo pastor, pai, protetor, intermediário da salvação (...) o pentecostalismo, assim, consegue dar uma nova e vigorosa legitimação à imagem persistente do patrão na sociedade sul-americana, dando-lhe finalidades e valores novos<sup>15</sup>”.

Neste particular, é possível perceber a eficácia do pentecostalismo como religião que permite uma visão estável e circundante ao indivíduo a partir de suas relações familiares. Este discurso e prática religiosa constituem-se num refúgio seguro contra as ambiguidades e conflitos do mundo urbano e moderno. O sistema de parentesco, a visão de mundo clânica e a busca de estabilidade do grupo vão se compor na metáfora sócio-religiosa capaz de recompor, com segurança, suas redes de relações.

### **Do paraíso ao paraíso recuperado: a sedução do sagrado no neopentecostalismo.**

Quando parecia que o tema da conversão – o trânsito entre cristãos – havia se delineado através do estabelecimento das Igrejas no Brasil, e a discussão sobre o campo religioso parecia não empolgar muito o homem moderno, uma vez que este já havia superado a fase mágica da vida religiosa pelo triunfo da ciência e da tecnologia, surge, como um “vagalhão”, o neopentecostalismo, trazendo consigo profundas transformações no campo religioso.

---

<sup>14</sup> Sobre o assunto cf. nosso trabalho sobre o pentecostalismo na década de 30. JARDILINO, J. Rubens *As Religiões do Espírito- visão histórico-teológica do pentecostalismo na década de 30*, Rio de Janeiro: ISER, 1995.

<sup>15</sup> D’EPINAY, Christian Lalive. *O Refúgio das Massas- estudo sociológico do protestantismo chileno*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970



A experiência dessa prática religiosa deixa de se limitar ao tempo/espaço unicamente religioso, toma lugar o cenário da sociedade civil e torna-se debate na academia e nos meios de comunicação de massa. É a ofensiva neopentecostal que colhe de súbito, o adormecido mundo religioso da sociedade brasileira.

Convém destacarmos alguns elementos dessa prática religiosa enquanto eros fascinador do sagrado. O primeiro elemento que reconhecemos como inovador é a não-domesticação da fé a um espaço e tempo<sup>16</sup> determinados. Estabelecendo, com base neste elemento, uma marca acentuadamente moderna, ou se preferirmos, pós-moderna, no campo religioso. Sua proposta religiosa leva em conta a disponibilidade de tempo e espaço das pessoas que transitam nos centros urbanos. Seu produto religioso é oferecido mediante uma linha de consumo determinada pelo marketing como qualquer outro produto do mercado moderno.

Os templos se transformam em vitrines onde são oferecidos a cada dia uma resposta às angústias do cotidiano. Cada indivíduo programa suas atividades religiosas conforme sua disponibilidade de tempo e espaço. Assim oferece-se a cada dia um produto sempre atual e atraente para todas as dimensões da vida. É uma igreja com atendimento 24 horas – um novo espaço moderno de conveniência.

A sedução do sagrado no neopentecostalismo não se limita à promessa de um paraíso após a morte como prêmio por uma vida pautada pela moral, mas amplia-se numa libertação total das forças demoníacas que oprimem o homem contemporâneo e o torna impotente para vir a ser plenamente feliz. A libertação recupera aqui e agora o paraíso perdido.

Outro elemento a destacar é a opção do movimento em ser declaradamente uma religião pautada pelo “novo”. É possível que esta opção não esteja fundamentada ou se insira conscientemente num debate pós-moderno, entretanto, sua sensibilidade para o cotidiano e a observação apurada do que as massas sociais estão solicitando das instituições, o fazem adequar vários elementos da pós-modernidade ao seu discurso religioso a fim de atender a demanda dos anseios da sociedade contemporânea.

Os dois elementos apontados, trazem para esse discurso religioso características ímpares, não observadas até então nas práticas religiosas.

A primeira tem a ver com a comunicação e a linguagem. Anteriormente, a religião mantinha-se no âmbito de um discurso transcendente, por conseguinte, fora da realidade da cultura de massa. Expressava através de seus dogmas e representações mítico/simbólica uma cosmovisão transcendental. Esse método nem sempre atingiu os

---

<sup>16</sup> Tempo e Espaço são duas categorias que receberam na sociedade múltiplos sentidos e que também pelo próprio processo histórico têm-se modificado. Com a modernidade, os ritmos espacio-temporais organizados especialmente pela racionalidade do capitalismo determinam que há um tempo e um lugar próprio para toda ação humana. Contudo., ultrapassam esse conceito não-dinâmico. A pós-modernidade amplia o conceito e o retira do engessamento moderno. Como afirma Harvey “a modernização tem como uma de suas missões a ruptura perpétua dos ritmos espaciais e temporais, e o pós-modernismo tem como uma de suas missões a produção de novos sentidos para o espaço e o tempo num mundo de efemeridade e fragmentação” David HARVEY. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992

objetivos da racionalidade humana, por isso a religião chegou à modernidade tentando dar sentido racional a fé. Teve sucesso nos primeiros séculos das luzes, mas, depois com o advento da ciência e da tecnologia, o homem moderno a lançou no anonimato. Chegou à metade deste século como *forasteira em terra estranha*.

Com as rápidas transformações pelas quais passou o mundo, a religião perdeu seu acento, e o poder de sedução do sagrado se limitou a pequenos guetos étnicos. Sua produção de sentido e linguagem já não respondia os questionamentos do homem. Os novos movimentos de orientação cristã, a nosso ver, é, na atualidade, dentre muitos representantes do campo religioso brasileiro, o único que conseguiu uma síntese neste vácuo sócio-religioso; adequou o pensamento e a prática das antigas concepções da tradição religiosa às novas técnicas de comunicação e linguagem. Foi sensível ao que Paul Valéry previa: “*Do mesmo modo como a água, o gás e a eletricidade chegam até as nossas casas, vindo de longe, para satisfazer as nossas necessidades de seguir o princípio do mínimo esforço, assim também seremos supridos de imagens visuais ou atividades que vão aparecer e desaparecer a um simples movimento da mão*”.

Esta previsão do avanço da técnico-ciência na capacidade de reprodução da imagem alterando os conceitos de tempo e de espaço e sua importância assumida pelos grupos religiosos como estratégias de sedução do sagrado. O marketing evangélico é hoje uma fatia considerável no mercado da propaganda. Não se restringe à comunicação oral do discurso fragmentado, mas aposta na imagem do vídeo-clip e na estética. Isso pode ser um *remendo novo em roupa velha*, pois no que pese sua adequação às técnicas de comunicação de massa, o conteúdo central dessas crenças ainda parece estar domesticado pelos dogmas da tradição religiosa. O surpreendente é que essa síntese pendular tem aumentado o fascínio pelo sagrado e o homem contemporâneo tem-se deixado seduzir. – “Seduzido fui, seduzido fiquei”

A segunda característica estabelece a relação entre o binômio religião/economia observado na prática desses grupos, embora sempre estivesse presente na experiência religiosa de maneira mascarada.

O neopentecostalismo assume, de maneira velada, sua classificação como religião de mercado através do que os estudiosos estão chamando de “teologia da prosperidade”. Não se limita a pregar a salvação somente com um sentido escatológico, mas impregnado da certeza de que tem como missão pôr em liberdade o homem aprisionado pelas armas deste século, usa declaradamente, tanto no marketing como um seus serviços religiosos a questão financeira como elemento essencial da fé – ‘ O homem atual tem que tomar posse da bênção financeira que Deus lhe deu.

O epíteto de “religião de mercado” cunhado por seus opositores, no que pese a jocosidade, está carregado de significado, pois os templos do movimento se transformam em grandes “Supermercados da fé” ou “lojas de conveniência”, onde os bens religiosos são colocados nas vitrines para atrair consumidores. Isso não é feito de maneira disfarçada, mas é abertamente assumido como marca característica do movimento.

Estes elementos rapidamente expostos somados a outros não abordados neste trabalho, retiram a religião do marco eminentemente transcendental e materializa a fé

de milhões de indivíduos que antes barganhavam como a divindade através de espelhos ( santos, promessas, romarias, votos) e, por conseguinte, lançam a religião no contexto da globalização. Hoje, as trocas simbólicas podem ser feitas declaradamente como um investimento qualquer do mercado globalizado, em que as regras do jogo são conhecidas e estão determinadas. Essas características aproximam a religião do mercado para competir com as demais instituições sociais [nacionais e internacionais] na produção de bens de consumo que dão sentido à vida das massas, transformando a fé num investimento seguro.